

**A EXPRESSÃO DA FUTURIDADE
NOS MANUAIS DE ENSINO DE PORTUGUÊS
PARA ESTRANGEIROS**

Elisabeth Penzlien Tafner (UFSC)

INTRODUÇÃO

A competência comunicativa implica saber uma língua para poder usá-la criativamente em diversas situações sociais. Nesse sentido, observamos que o falante vai precisar adequar sua fala conforme o interlocutor, o lugar e o assunto em questão. Cada situação social exige uma variedade lingüística adequada e isto suscita problemas bastante complexos, que contribuem para a alteração do discurso¹² dos falantes. Esse quadro fica ainda mais delicado quando relacionado ao ensino de uma segunda língua. O aluno, nesse caso, pode se sentir bastante inseguro ao verificar que existem discrepâncias entre o que é exposto nos materiais adotados para o ensino de português para estrangeiros e o que de fato é empregado pelos falantes nativos de português.

Essa insegurança é gerada à medida que alguns desses manuais são bastante precários na quantidade de variedades lingüísticas apresentadas e sua respectiva descrição, pelo menos no que diz respeito ao tempo verbal futuro do presente do indicativo.

Neste artigo, a partir do trabalho de Tafner (2004), examinaremos quais são as formas verbais presentes para a expressão da futuridade em alguns manuais, com o objetivo de mostrar que os mesmos precisam de um maior aprofundamento em sua descrição. Pretendemos assim talvez contribuir no processo de ensino/aprendizagem de português para estrangeiros, oferecendo explicações para algumas formas em uso, que por vezes não são citadas nesses materiais ou nas gramáticas tradicionais

¹² Discurso: "é concebido como a língua em uso." (SCHIFFRIN, 1994 apud COSTA, 1997, p. 52).

O FENÔMENO DA VARIAÇÃO ENTRE AS FORMAS DE FUTURO

Tafner (2004) trata do estudo de sete formas verbais alternantes (a seguir descritas) para a expressão da futuridade, a partir de dados das sessões plenárias¹³ dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul:

* futuro sintético – *FS*:

(1) Porque se trata do projeto mais importante que esta Casa **votará** até o final do ano. (PR– 104ord02)

* ir (presente) + verbo principal (infinitivo) – *vou –R*:

(2) Portanto, o justo, o correto seria a mobilização da própria reitoria da Udesc e de todos os que estão participando do movimento para levar a Udesc para o Oeste do Estado terem uma conversa muito franca com o Governador eleito, para saber se ele **vai cumprir** aquilo que o atual Governador pretende fazer ou deixar para o outro. (SC – 89ord02)

* ir (futuro) + verbo principal (infinitivo) – *irei–R*¹⁴:

(3) O secretário de obras **irá entregar** o relatório esta semana. (PR – 104ord02)

* estar (futuro) + verbo principal (gerúndio) – *estarei – NDO*:

(4)...na próxima semana, **estarei indo** para Brasília, porque são inúmeros os problemas que o Paraná enfrenta. (PR – 101ord02)

* ir (presente) + estar (infinitivo) + verbo principal (gerúndio) – *vou estar – NDO*:

(5) Se votarmos o relatório, **vamos estar aprovando** 21 secretarias. (SC – 07ex03)

* estar (presente) + verbo principal (gerúndio) – *estou – NDO*:

(6)...gostaria que V. Exa. e o deputado C. assinassem comigo a Comissão de Segurança: **estou encaminhando** ao secretário J. T., em 48 horas. (PR – 103ord 02)

* presente – *presente*:

(7) Amanhã, a Comissão de Finanças **deve apreciar** o Orçamento de 2003. (SC 92ord02)

As formas verbais que exprimem o tempo futuro do presente no referido trabalho são analisadas sob uma perspectiva sociofuncionalista. No domínio da sociolinguística laboviana (cf. WEINREICH; LABOV;

¹³ As sessões plenárias podem ser preparatórias, ordinárias, extraordinárias ou solenes. Coletamos dados apenas das sessões ordinárias e extraordinárias, onde houve discussão entre os parlamentares. As sessões analisadas compreendem o período de dezembro de 2002 a fevereiro de 2003. Foram coletados os 400 primeiros contextos de futuridade nas amostras de cada um dos estados, excluindo-se esporadicamente algumas sessões extraordinárias no caso dos estados onde havia um grande número de sessões, como São Paulo e Santa Catarina.

¹⁴ Devido ao reduzido número de dados, apenas 33 (5%), *irei – R* teve um tratamento diferenciado. Veja mais detalhes em Tafner (2004).

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

HERZOG, 1968), a autora trabalha com a noção de *regra variável*: quando há duas ou mais formas distintas de se transmitir o mesmo significado referencial, em um mesmo contexto, elas podem ser tomadas como variantes lingüísticas. E, ciente de que lida com uma função comunicativa / discursiva, a autora também mergulha no quadro do Funcionalismo Lingüístico (FLEISHMAN, 1982; GIVÓN, 2001). Porém, visto que a função de expressar o futuro do presente é prioridade e que camadas / variantes parecem estar disputando essa função, o estudo assumiu uma postura mais inclinada ao funcionalismo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nas sessões plenárias pesquisadas, obtivemos 688 dados que expressam futuramente.

Para estabelecer a distribuição de uso das sete formas variantes e descrever seus contextos, utilizou-se o pacote estatístico VARBRUL 2S (PINTZUK, 1988). Neste trabalho, apresentamos apenas os resultados para a variável *fonte do dado*¹⁵.

Resultados e discussão

A hipótese era de que houvesse uma significativa concentração de dados no *FS*, dado o grau de formalidade inerente da amostra. Essa expectativa foi confirmada, pois dentre as sete formas variantes, observou-se uma relativa predominância do *FS* (352/51%).

Os parlamentares, em função do caráter público das sessões, possuem uma certa preocupação com a norma culta, uma vez que sabem que sua fala está sendo acompanhada tanto por uma platéia atenta e bastante crítica quanto pela consciência de que essa fala ficará registrada nos anais da Casa ou ainda está sendo acompanhada via rádio, tv. Esses fatos contribuíram para que os dados tivessem um caráter relativamente formal.

Os resultados para as variantes *vou -R* (216/31%); *locuções estar - NDO*¹⁶ (66/10%) e *presente* (54/8%), além de coincidirem de certa forma com os resultados encontrados por Santos (1997) e Santos (2000)¹⁷, mos-

¹⁵ Outras variáveis foram controladas, mas, por uma questão de espaço, não serão discutidas aqui.

¹⁶ As locuções *estar - NDO* incluem as formas *estarei - NDO*, *vou estar - NDO* (apenas 3 dados) e *estou - NDO* (apenas 2 dados).

¹⁷ Santos (1997) e Santos (2000) lidaram com dados portadores de algum traço de formalidade. A primeira autora trabalhou com textos de escrita culta e transcritos de fala, provenientes dos periódicos *Diário do Congresso Nacional* e revista *Semanal IstoÉ*, e constatou que o futuro simples (-*re*) foi o mais recorrente em ambos. Porém, foi possível fazer a seguinte correlação: nas situações de maior formalidade, como nas sessões do *Diário*, temos o futuro simples e,

tram a presença das locuções *estar – NDO*, que, mesmo em pequena escala, estão em variação¹⁸ com o *FS* e com *vou – R*, e, em determinados contextos, com a forma verbal de *presente*, para expressão da futuridade, respondendo assim a uma das questões centrais do trabalho de Tafner (2004). O número reduzido de ocorrências com *estar – NDO* não era o esperado¹⁹, mas permite observar, de certa forma, qual é o comportamento desse grupo de variantes em contraste às demais formas de futuro estudadas pela autora. Até porque, em outros trabalhos sobre o futuro²⁰, nada ou quase nada foi dito em relação ao comportamento das variantes *estar – NDO* para expressão do futuro.

O grupo *fonte do dado* indicou que o emprego das variantes nos estados apresentou diferenças significativas, evidenciando que as atitudes dos falantes diante das formas não são as mesmas. Conseqüentemente, a formalidade que esperávamos encontrar não é a mesma em todos os estados.

No Rio Grande do Sul (68%), principalmente, e Rio de Janeiro (55%) percebemos que os parlamentares, para a expressão da futuridade, ainda tendem a empregar com maior freqüência a variante canônica. São Paulo (55%) é o local onde o *futuro do presente* disputa a expressão da futuridade de forma mais acirrada com as demais variantes. Já os parlamentares paranaenses (43%) e catarinenses (43%) inclinam-se a não empregar a forma verbal canônica durante suas sessões.

A situação dos manuais

nas de menor formalidade, como na revista, temos a perífrase, aqui correspondente a nossa variante *vou – R*. A segunda autora trabalhou com duas amostras, uma de natureza informal e outra de natureza formal. Nesta última, Santos (2000) encontrou uma distribuição bastante interessante: 30% de uso do futuro simples equiparado aos 30% de uso da forma perífrástica. Porém ambos são superados pelo uso do presente com sentido de futuro (*saio*), 40%.

¹⁸ É o que afirma o artigo de Henriques (2000, p. 3): “à tradicional substituição de ‘enviaremos’ por ‘vamos enviar’, acrescentam-se hoje as formas ‘estaremos enviando’ ou ‘vamos estar enviando’, o que representa duas variantes de idéias em processo, sem contudo a carga semântica de futuro imediato.”

¹⁹ A teoria funcionalista, particularmente os princípios da marcação de Givón (2001), ajuda a dar os primeiros passos na tentativa de explicar o funcionamento de *estar – NDO*. Segundo os princípios da marcação, a estrutura marcada tende a ser estruturalmente mais complexa (ou maior) e menos freqüente do que a não marcada, dependendo do contexto comunicativo. De acordo com essa caracterização, pode-se dizer que a variante *estar – NDO* é a mais marcada.

²⁰ Baleeiro (1988), Santos (1997), Poplack e Turpin (1999), Gibbon (2000), Santos (2000), Silva (2002), dentre outros.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Retomando a discussão sobre os manuais, resumimos abaixo o que encontramos sobre o tempo verbal futuro do presente do indicativo em alguns materiais consultados²¹.

Lima e Iunes (1981) trazem o futuro do presente ao exibir os tempos do modo indicativo, mostrando apenas a conjugação do verbo *sair* na forma sintética. Além disso, seus exercícios podem causar algum tipo de dificuldade à medida que algumas atividades pedem ao aluno que “complete com o verbo no tempo adequado”, mas acabam envolvendo formas de futuridade com verbo modal (8) ou locuções (*vou -R*) (9) sem fazer nenhum comentário sobre esses possíveis usos.

(8) “(cair) Cuidado com os buracos. Você *pode...*”

(9) “(atrair) Não *vou entrar* neste cinema, pois este gênero de filme não me...”

Forst (1989), no *Novo manual do professor*, elaborado com a colaboração de Lima e Iunes, traz tanto a forma *vou -R* (classificada como *futuro imediato* pelas autoras) quanto a forma sintética de futuro, porém o tratamento dado a essas formas não excede a realização de exercícios de repetição oral de estruturas ou exercícios escritos.

Laroça, Bara e Pereira (1992) tratam do futuro do presente mostrando apenas a conjugação desse tempo a partir da forma sintética. Como exercício, as autoras solicitam que o aluno complete com verbos no futuro do presente uma carta (o interlocutor é provavelmente um amigo) e, a seguir, um diálogo entre uma moça e um carromante.

Marchant (1994), num manual voltado para o público infanto-juvenil, trata do futuro do presente partindo de um texto relativo a uma excursão, onde há uma série de frases no futuro, todas elas empregando *vou-R*: “minha turma *vai fazer* uma excursão...”, “*vamos chegar...*”, “as comissões *vão ter...*”, “a comissão de alimentação *vai estabelecer...*”. Na sequência, a autora solicita ao aluno que faça um exercício passando as frases do pretérito perfeito para o futuro:

²¹ A escolha desses manuais foi aleatória.

(10) “Eu comprei um livro ontem. Eu... **comprar** um livro **amanhã**.”

(11) “Você chegou atrasado ontem. Você... **chegar** atrasado **amanhã**?”

(12) “Ela ficou em casa ontem. Ela... **ficar** em casa depois de **amanhã**?”

As demais frases seguem da mesma forma, sempre pedindo para o aluno use *vou –R* numa frase em que há o uso de marcas temporais.

Já num manual dedicado ao nível avançado, Marchant (1997) tem como foco principal o trabalho com verbos e oferece algumas explicações mais amplas, como o conceito de locução verbal: “combinação das diversas formas de um verbo (auxiliar) com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo, que se chama principal. Na locução verbal, é somente o verbo auxiliar que faz a flexão de pessoa, número, tempo e modo” (MARCHANT, 1997, p. 87). A autora, tendo apresentado o conceito de locuções verbais, poderia aproveitá-lo, mostrando a riqueza de formas verbais existentes na língua portuguesa capazes de atuar na função de expressar futuridade, permitindo ao aluno começar a ter contato com formas alternantes para uma mesma função e assim reconhecer a existência do fenômeno da variação. O único exemplo oferecido é de futuro do presente composto:

(13) “Hoje à noite já **terei (haverei) feito** o trabalho.”

Adiante explica os modos e tempos, referindo-se ao futuro do presente simples como capaz de representar uma ação futura (14). O futuro do presente composto, “expressa um fato que é futuro em relação ao momento de fala, mas passado em relação a outra circunstância”(15). Curiosamente, a autora não inclui nesta obra a forma *vou –R*, citada em seu manual de (1994):

(14) “**Estudarei** amanhã.”

(15) “Amanhã, às 10h, já **terei feito** o trabalho.”

Fontão e Coudry (2000), num manual destinado ao público jovem, apresentam o futuro a partir de um texto sobre uma festa junina. A seguir, há uma pequena explicação comentando que “esse

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

texto mostra como usamos o futuro em português.” Depois, temos um exercício em que o aluno deve relacionar os verbos em que houve o uso desse tempo, resultado em algo como:

(16) “Na semana que vem nós *vamos fazer* uma festa junina”

(17) “*Vai ser* no dia vinte e oito de junho”

(18) “Cada aluno *vai trazer*”

(19) “Amanhã eu *vou* a casa da Beatriz depois do almoço”

Contudo os autores fazem uma interessante observação quanto ao emprego do verbo *ir*, comentando que, quando usado no futuro, ele dispensa o infinitivo, apresentando as mesmas formas no presente e no futuro.

(20) “Eu sempre *vou* à praia com meu irmão (presente)”.

(21) “Eu *vou* à praia com meu irmão *no fim de semana que vem* (futuro)”.

Ponce, Burim e Florissi (2003, p.102) afirmam que “em português, podemos dar idéia de futuro de duas formas diferentes. Nesta, unidade, estudaremos um dos dois casos.” Os exemplos abaixo são das autoras:

(22) “Amanhã *vou fazer* um passeio com a escola.”

(23) “*Vamos visitar* o zoológico.”

Adiante, elas citam o futuro sintético, mas antes comentam que “ir + verbo no infinitivo é mais usado coloquialmente”. Sobre o futuro sintético, trata-se de “verbo conjugado na forma do Futuro do Presente. Exemplo: Paula e Roberto também *irão* ao show amanhã.” (PONCE; BURIM; FLORISSI, 2003, p. 119).

Este foi o único manual onde se percebeu uma certa preocupação das autoras em situar o aluno quanto ao contexto em que uma determinada forma é mais freqüente. A observação feita pelas autoras ainda não é o suficiente, mas já é um indício de que os materiais precisam complementar a descrição das formas que costumam apresentar.

Diante disso, se retomarmos os exemplos de futuro sintético dos vários autores, percebemos que grande parte deles reproduz situações de fala, num contexto informal (sem hierarquia entre os interlocutores, em situações onde não há provavelmente preocupação com a norma culta), isto é, contextos mais propícios à ocorrência de *vou -R* do que propriamente a do futuro sintético. Essa análise parece-nos coerente, em função dos resultados encontrados por Gibbon (2000). A autora trabalhou com o banco de dados do Projeto Varsul (36 informantes nativos de Florianópolis), encontrando apenas 1% de uso da forma canônica em dados de fala. Nesta amostra, dentre as formas estudadas – o futuro simples (*farei*), o presente (*faço*) e perífrase (*vou fazer*) – a perífrase (*vou fazer*) foi a forma mais utilizada, refletindo a adequação das formas de futuro em função do contexto²². Os únicos autores que pedem o uso da forma sintética na modalidade escrita (numa carta, abaixo transcrita) são Laroca, Bara e Pereira (1992). A razão para isso talvez seja o fato de que a língua escrita favoreça²³ essa forma:

Cristina:...(chegar/eu) no próximo sábado com a família.....(ficar/nós) uma semana com vocês. As crianças....(passar) o resto das férias aí. Lídia....(seguir) viagem para o Nordeste e.... conhecer as suas capitais. Na volta das férias,.... (visitar/nós) os nossos parentes do interior. Um abraço do Roberto.

A situação descrita pela carta acima transcrita não parece exigir o uso da forma sintética, forma canônica de futuro, privilegiada pelas gramáticas normativas e pela maioria dos manuais como vimos nos autores listados. O primeiro indício que nos aponta nessa direção é não haver o uso de nenhum pronome de tratamento entre os interlocutores, ou seja, aparentemente não há hierarquia entre eles; o relato comenta a seqüência de eventos das férias de Roberto (o assunto

²² É provável que a frequência da perífrase esteja relacionada, nesse caso, à natureza da amostra analisada (entrevistas sociolinguísticas).

²³ Não estamos querendo voltar aqui à velha dicotomia entre fala e escrita, "tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua e a fala como o lugar do erro e do caos gramatical" (MARCUSCHI, 2003, p. 28). Concordamos com Marcuschi ao afirmar que "oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos, nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante." (op. cit., p. 17).

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

tratado não parece exigir nenhum tipo de formalidade). Diante desses fatos, supomos que o uso de *vou -R* seria o mais adequado, até porque no enunciado “e...conhecer as suas capitais” os autores, mesmo não tendo mostrado para o aluno a forma *vou -R*, sugerem o seu uso (ou então temos aqui um engano no momento da elaboração do exercício).

Em quase todos os exemplos, usa-se o futuro sintético ou *vou -R* com o auxílio de marcas temporais explícitas, com exceção do texto relativo à festa junina (FONTÃO; COUDRY) onde devido à progressão do texto nota-se que todas as situações têm projeção futura. O segundo exemplo de Ponce, Burim e Florissi (2003) também não faz uso de marcas temporais, visto que o contexto anterior já garante a idéia de futuridade. O uso de marcas temporais poderia servir como ponto de partida para comentar a possibilidade de expressão da futuridade a partir de outras formas como o presente com o futuro, por exemplo. Trilhando esse caminho, certamente encontraríamos espaço para nos referirmos às condicionais ou aos verbos modais, contextos que favorecem a ocorrência das formas de futuridade.

Sintetizando, a busca nesses materiais revelou que os mesmos restringem as formas de expressão do futuro do presente, fazendo referência somente ao futuro sintético (*-rei*) ou à forma *vou -R* ou a ambas, mas sem informar para o aluno que fatores contribuem para seu uso.

A ausência de outras variedades lingüísticas e das observações acima pode confundir o aluno quando ele tiver contato com as formas do presente como futuro, *irei - R*, *vamos estar -NDO* ou *estaremos - NDO*. Nesse sentido, a dissertação de Tafner oferece algumas contribuições relevantes, como:

* descrição de uma análise sociofuncionalista do tempo futuro, utilizando dados de fala, através do controle de grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos;

* proposta para explicar o fenômeno da variação entre o *FS*, *vou -R*, *o presente* e as locuções *estar - NDO* ;

* reflexão sobre a possibilidade de se considerar as locuções *estar - NDO* como formas regulares na língua portuguesa para expressão tempo verbal futuro do presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os manuais de ensino de português para estrangeiros analisados referem-se ao estudo do tempo verbal futuro do presente, empregando apenas o futuro sintético e *vou -R*, não atentando para as demais formas possíveis e em uso de futuridade. Além do que, a descrição sobre o funcionamento dessas formas, quando comentada, é bastante superficial.

O confronto entre o conteúdo dos manuais e a exposição feita por Tafner mostra como esses manuais precisam ser enriquecidos. Das sete formas comentadas pela autora, os manuais citam apenas duas, oferecendo pouca ou nenhuma informação adicional. O aluno precisa ter contato com o maior número possível de variedades linguísticas a fim de poder se expressar da melhor forma possível, conforme a situação. Para isso, ele precisa conhecer todas as formas de que a língua que está aprendendo dispõe e onde estas são mais adequadas. Portanto, informações como os contextos e frequência de uso das formas possíveis são imprescindíveis nesse material cuja missão é mostrar o funcionamento do sistema linguístico do português.

A inclusão de informações de natureza sociofuncionalista, como aquelas encontradas em Tafner (2004), poderia contribuir tanto para o ensino das formas já citadas pelos materiais, quanto para a inclusão de outras como *irei -R*, o presente como futuro e, principalmente, as locuções *estar - NDO*. Isso porque não só os manuais para o ensino de português para estrangeiros, como também os livros didáticos raramente citam as locuções *estar - NDO* como possibilidade de uso para expressão da futuridade.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, J. C. P.; LOMBELLO, L. (Orgs.). *Identidade e caminhos no ensino de português para estrangeiros*. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

BALEIRO, M.I. *O futuro do presente no português culto de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Linguística – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988).

COSTA, A. L. dos P. *A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997)

FLEISHMAN, S. *The future in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FONTÃO, E.; COUDRY, P. *Sempre amigos: fala Brasil para jovens*. Campinas, SP: Pontes, 2000.

FORST, G. *Falando...Lendo...Escrevendo: português para estrangeiros: novo manual do professor*. São Paulo: EPU, 1989.

GIBBON, A. O. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000)

GIVON, T. *Syntax: an introduction*. vol. I. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001.

HENRIQUES, C.C. Sintaxe Discursiva, Aspecto, Gerúndio e Gerundismo. *ABP – Revista do Centro do Mundo Lusofônico*, vol. 1, n. 2. Köln: 2000, p. 16-24

LAROCA, M.N. de C.; BARA, N.; PEREIRA, S.M. da C. *Aprendendo português do Brasil: um curso para estrangeiros*. Campinas, SP: Pontes, 1992.

LIMA, E.E.O.F.; IUNES, S.A. *Falando... Lendo... Escrevendo: português: um curso para estrangeiros*. São Paulo: EPU, 1981.

MARCHANT, M. *Português para estrangeiros: infante-juvenil*. Porto Alegre: Age, 1994.

———. *Português para estrangeiros: nível avançado*. Porto Alegre: Age, 1997.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PINTZUK, S. *VARBRUL Program*. Philadelphia: University of Pennsylvania. Impresso. 1988

PONCE, M. H. O de; BURIM, S.R.B.A; FLORISSI, S. *Tudo bem: português para a nova geração*. vol. 1. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2003.

POPLACK, S.; TURPIN, D. Does the futur have a future in (Canadian) french? *Probus 11*, 1999. p. 133-164.

SANTOS, A. M. dos. *O futuro verbal no português do Brasil em variação*. Dissertação (Mestrado em Linguística – Universidade de Brasília, Brasília, 1997)

SANTOS, J. R. dos. *A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000).

SILVA, A. A sobreposição modal em ir + infinitivo. **In:** ABAURRE, M.B.M.; RODRIGUES, A.C.S. (Orgs.). *Gramática do Português Falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 479-495.

———. *A expressão da futuridade no português falado*. Araraquara: UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

TAFNER, E.P. *As formas verbais de futuridade em sessões plenárias: uma abordagem sociofuncionalista*. Dissertação (Mestrado em Linguística – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004).

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. Empirical foundations for a theory of language change. **In:** LEHMANN, W.P.; MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.